

A motivação da comunidade escolar e o recurso a tecnologias de informação

Natércia do Céu Andrade Pesqueira Menezes

npmenezes@gmail.com

Sónia Rolland Sobral

Universidade Portucalense

sonia@upt.pt

RESUMO

A constatação de elevados índices de insucesso nas várias disciplinas é uma realidade e, como professores, é nossa convicção que o aparecimento de novas tecnologias poderá contribuir para a criação de “novos ambientes” de trabalho que promovam a motivação e o sucesso na aprendizagem.

Pretende-se, com este estudo, compreender a motivação dos alunos aquando a utilização das TIC em sala de aula e alcançar um melhor conhecimento do processo de ensino aprendizagem, no que se refere à utilização das TIC, do seu potencial papel motivador na aprendizagem em geral. Ou seja, o estudo tem como objectivo saber se a utilização das TIC em sala de aula contribui para melhorar significativamente, os índices de motivação, concentração, empenho e é facilitadora na aquisição de novos conhecimentos e competências nos alunos, assim como uma influência positiva no relacionamento entre aluno e professor.

Como estudo de caso, a aplicação de um questionário aos alunos do 8º e 9º ano, pretende-se, com os resultados e conclusões apresentados, promover nos professores a consciência da sua prática pedagógica, concluir se os alunos têm papel activo e motivador na construção das aprendizagens aquando a utilização das TIC em sala de aula.

Palavras-chave: Motivação, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), Sala de Aula

1. Introdução

Este trabalho insere-se na linha de investigação “A motivação de alunos com e sem a utilização das TIC em sala de aula” através de através de auscultação de opinião por questionário, aos alunos de ambos os sexos do 8º e 9º Anos.

Reconhecendo a importância da motivação escolar dos alunos e a introdução das tecnologias da Informação e Comunicação nas escolas, quer-se avaliar se há mais motivação nos alunos em que o professor utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação na sala de aula ou a motivação será maior se o professor não as utilizar.

Quer-se também perceber se a introdução das TIC na sala de aula melhora ou (estrita) a relação professor aluno.

Actualmente são três as tecnologias que melhor caracterizam este momento da Sociedade de Informação: o computador, Internet e o quadro Interactivo. Serão assim estas três Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que serão alvo de estudo.

Motivação – O que é?

No contexto educacional a motivação dos alunos é um importante desafio com que nos devemos confrontar, pois tem implicações directas na qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem. O aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, evidenciando envolvimento com o processo de aprendizagem, participa nas tarefas com entusiasmo e revela disposição para novos desafios [Alcará e Guimarães 2007]. A motivação do aluno é uma variável relevante do processo ensino/aprendizagem, na medida em que o rendimento escolar não pode ser explicado unicamente por conceitos como inteligência, contexto familiar e condição socioeconómica.

Segundo [Murray 1986], a motivação representaria "um factor interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa". Esta perspectiva que relaciona a motivação com uma energia interna é também defendida por outros teóricos. Na opinião de [Pfromm 1987]: "os motivos ativam e despertam o organismo, dirigem-no para um alvo em particular e mantêm o organismo em ação". Para [Garrido 1990], a motivação é um processo psicológico, uma força que tem origem no interior do sujeito e que o impulsiona a uma ação.

[Balancho, M. J., & Coelho, F. M. 1996] referem que o tema da motivação, ligado à aprendizagem, é o centro dos estudos da psicologia científica. A sua abordagem torna-se difícil e complexa para os propósitos psicológicos, que nem sempre são unânimes nas suas concepções, resultando daí uma diversidade de opiniões.

Em didática, uma das experiências mais conhecidas é a de [Hurlock E. 1971]. Foram observados, em simultâneo, três grupos de estudantes, adotando, para cada grupo, uma atitude diferente perante o trabalho realizado: no grupo A utilizou-se sempre o louvor e o elogio; no grupo B, apenas a censura; no grupo C, a indiferença. Os resultados foram muito bons em A e

em muito superiores aos de B; em B, ligeiramente acima de C, que, por sua vez, ocupou o último lugar na escala.

2. Conceito de Motivação e de satisfação

Convocando o pensamento de MICHEL (s/d b, p. 261), as teorias da motivação consubstanciam-se no conceito de necessidade, ou seja, a motivação no indivíduo surge pela urgência de satisfazer as necessidades que lhe possibilitem aliviar a tensão e reencontrar o equilíbrio. Apresenta-se o seguinte esquema baseado no pensamento de Claude Bernard (finais do séc. XIX), que postula o equilíbrio como agente essencial para o funcionamento do organismo: "necessidades insatisfeitas → tensão → motivação → comportamento de satisfação das necessidades → redução da tensão".

Aubert refere que o termo motivação pode ser analisado segundo duas perspectivas; a da organização e a do trabalhador. Se, para a organização, quando falamos de motivação "*trata-se de estimulação, de satisfação ou ainda de performance*", quando o trabalhador fala de motivação "*é de facto mais satisfação o que eles desejam*". (1996, p. 15).

Assim, a autora Aubert, N. (1996) define motivação como algo que está subjacente à nossa vontade de agir e às variáveis que interagem com essa ação, enquanto que satisfação diz respeito aos sentimentos que cada indivíduo consegue experienciar no seu trabalho. "*A satisfação constituindo antes do mais, um sentimento, ao passo que a motivação constitui, sobretudo, um processo*"(ibid,17).

3. Fontes de Motivação

Norman e Richard Sprinthall (1993) explicam que o termo motivo se refere a um impulso (uma necessidade ativada) que se dirige em direção, ou se afasta, a uma meta. "*(...) tecnicamente, então, o défice interno (necessidade) empurra a pessoa para a ação (impulso) aproximando-a ou afastando-a de uma meta específica*". (1993, p. 505).

Norman e Richard Sprinthall (1993) continuam com a sua descrição da motivação "motivos intrínsecos" por reforços internos:

Internos

- **O instinto**

Depende de complexos fatores ambientais internos. Por instinto, o indivíduo reage impulsivamente, sem dirigir racionalmente as suas ações, a fim de conseguir qualquer coisa que lhe dê prazer.

- **Os hábitos**

São consequência de aprendizagens de costumes sociais, educacionais e condicionam inconscientemente a forma de atuar.

- **As atitudes mentais**

Certos tipos de motivação tornam-se intimamente associados à afirmação do eu. A criança, por exemplo, gosta de realizar tarefas difíceis, para que o seu bom desempenho constitua uma prova de afirmação de auto-estima.

- **Os ideais**

Existem pessoas que estabelecem um padrão, como objetivo a atingir. Essa aspiração, por si só, pode motivar o indivíduo a dar o máximo de si mesmo. Neste caso específico, o fracasso, quando acontece, faz descer o seu nível de aspiração, enquanto o êxito o eleva consideravelmente

- **O prazer**

É um reflexo automático, fora do controlo consciente, que procura situações agradáveis. O indivíduo, ao avaliar um objeto ou uma situação, desencadeia um processo emotivo, do qual resulta o desejo de executar uma ação. A avaliação emocional motiva-o para a ação.

Norman e Richard Sprinthall (1993) continuam com a sua descrição da motivação “motivos extrínsecos” por reforços externos:

Externas

- **A personalidade do professor**

Influencia consideravelmente as aprendizagens dos alunos. Quando estabelece relações de empatia e de afetividade, favorece o prazer de aprender e facilitar a aquisição de conhecimentos.

- **A influência do meio**

O aluno depende quase totalmente do ambiente familiar e do meio social em que vive. Deles depende, por conseguinte, a formação do seu carácter e o desenvolvimento de gostos e de aptidões.

- **A influência do momento**

A instabilidade emocional do aluno leva-o a revelar, consoante os momentos, atitudes diferentes perante o trabalho a realizar. Cabe ao professor descobrir os motivos que condicionam tais atitudes e ajudar o aluno a encontrar o equilíbrio.

O Objetivo em si:

Quando um objeto é mostrado ao aluno, pode despertar-lhes emoções estéticas ou constituir, para ele, uma novidade. Perante qualquer destes sentimentos, o aluno sente-se motivado pelo objeto em si.

4. Tipos de motivação

Norman e Richard Sprinthall (1993) fazem uma descrição dos tipos de motivação:

Quanto ao aluno:

- Auto-motivação

O aluno deseja atingir um objetivo e tenta alcançá-lo pelos seus próprios meios.

- Heteromotivação

O aluno não tem nenhum motivo interior para se dedicar às matérias e não manifesta interesse especial pelas aulas. Torna-se necessário que o professor lhe forneça incentivos (estímulos) que se transformem em motivos facilitadores da aprendizagem.

Quanto ao objetivo:

- Intrínseca

Se radica no próprio sujeito: curiosidade, interesse, necessidades.

- Extrínseca

Se é estranha ao aluno e se introduz artificialmente na situação, como meta ou objetivos a alcançar: incentivos a alcançar: incentivos, prêmios e recompensas

Quanto à natureza ou modo de atuação:

- Positiva

Se nos leva a agir num sentido determinado

- Negativa

Se nos impede de atuar, ou converte a ação em referência desagradável.

A motivação positiva, através do incentivo, da persuasão, do exemplo e do elogio, é mais eficaz e proveitosa do que a motivação negativa, feita por ameaças, gritos, repreensões ou castigos.

5. Motivação e interesse

Norman e Richard Sprinthall (1993) fazem uma descrição da motivação e interesse:

Quando o aluno é solicitado por um estímulo que o interessa, reage favoravelmente a esse estímulo; é possível explicar-se, porém, que a sua reação não se traduza em ato intencional.

A inação do aluno explica-se, nesse caso, facilmente.

As que interessam, e por isso pretendem a atenção, podem ser várias, mas talvez nenhuma possua a força suficiente para nos conduzírem à ação, a qual exige o esforço de um motivo determinante da nossa vontade. O interesse mantém a atenção, no sentido de um valor que se deseja. O motivo, porém, se tem energia suficiente, vence as resistências à execução do ato.

Na prática escolar observa-se frequentemente a separação entre o interesse e o motivo. O aluno tem desejo de aprender e interessa-se vivamente por muitos tipos ou formas de aprendizagem, mas nem sempre basta o interesse para o levar a empreender a realização da sua tarefa.

A motivação não se completa senão quando o aluno encontra razão suficiente para o trabalho que realiza, quando lhe aprecia o valor e percebe que os seus esforços o levam à realização do ideal desejado.

Isto significa que, na escola, a motivação é essencialmente intencional. Os motivos contribuem poderosamente para a realização dos nossos propósitos. É claro que, quando o fim requer esforços continuando, o motivo nem sempre é suficiente para manter a atividade. É também necessária, nesse caso, a força estimulante de um interesse que não desfaleça. Não há motivo eficaz sem interesses, embora muitos interesses, não estejam reforçados por motivos.

Nem sempre os alunos são capazes de apreciar o valor dos trabalhos escolares, pois muitas vezes não podem compreender a relação existente entre a aprendizagem e uma aspiração, valor ou fim importante na vida. Daí a necessidade de motivar o processo didático.

A melhor forma de motivar um trabalho escolar consiste em apresentá-lo como atividade ou experiência interessante, que conduz a um fim valioso; ou como situação problemática, cuja solução importa ao educando.

É claro que o motivo deve variar com o tipo de trabalho, a idade, o desenvolvimento físico e mental do aluno e a necessidade de lhe inculcar certos hábitos, atitudes e destrezas que a vida exige; em toda a aprendizagem, porém, deve revelar-se a importância daquilo que o aluno aspira realizar.

6. Perfil do aluno - Efeitos da motivação no seu desenvolvimento

Norman e Richard Sprinthall (1993) fazem descrição do perfil do aluno e efeitos da motivação no seu desenvolvimento:

Frequentemente, a hostilidade dos adolescentes tem origem na frustração sentida perante a incapacidade de compreender determinadas matérias. Ao comportarem-se de uma maneira que sabem de antemão ser proibida, os jovens têm uma motivação dupla: impedir que os colegas

adquiram conhecimentos e chamar a atenção para si próprios.

A motivação dos alunos para as atividades da aula depende de muitos fatores:

Idade, sexo, aptidão intelectual, situação económica, social e familiar e traços individuais da personalidade.

O Aluno auto-motivado, que não precisa de estímulos. Gere a sua aprendizagem apoiado por um conjunto de factores culturais, com base na família e nos recursos que lhe são fornecidos extra-escola (atividades artísticas, visitas a museus e bibliotecas, acesso a bibliografia, etc.) Podemos inseri-lo num meio socioeconómico mais favorecido – *Avís* quase rara no universo dos nossos alunos (e nem sempre associado a um comportamento exemplar – muitas vezes enfasiado com a ignorância dos colegas)

O aluno médio, que necessita continuamente do estímulo do professor para prosseguir. Não se mostra entusiasmado, nem tão pouco desmotivado, mas revela «altos e baixos» no aproveitamento. Menos raro que o anterior, não causa grandes problemas nem exige «altos voos» a quem ensina.

O aluno desmotivado, muito frequente nas nossas escolas, é ele que transforma o ato de educar num constante desafio. Não se impressiona com as artes de magia através das quais lhes queremos transmitir a matéria. O que estimula os outros, provoca-lhes indiferença ou troça. Alheio a todo o tipo de atividades de classe, entretém-se a bocejar ou a desestabilizar. Neste último caso, estamos perante o provocador nato. Pertence, quase sempre, a classes sociais diametralmente opostas: media/alta ou de nível sócio cultural mais baixo.

As razões que levam estes jovens a ser insensíveis aos estímulos são diversas. No primeiro caso, porque estes não lhes dizem nada: ou já os conhecem, ou têm acesso a meios de informação mais sofisticados, ou têm solicitações sociais mais motivadoras; no segundo caso, porque não se encontram qualquer tipo de relação entre os seus interesses e aspirações e o conteúdo das matérias que lhes são transmitidas. Nada do mundo exterior, nenhum episódio da sua experiência vivencial tem ligação com o que se passa na aula.

O aluno tem de aprender a gostar de aprender. O professor tem de saber incutir-lhe esse gosto. Sem que estas duas condições se verifiquem, pouco ou nada se pode avançar, quer nos campos afetivos, quer no domínio cognitivo.

Assegurada a empatia e despertada a curiosidade, o professor poderá passar à fase seguinte:

ensinar a estudar. Se é certo que muitos alunos adquirem cedo esta capacidade ou habilidade, interiorizando métodos de trabalho e de estudo numa fase precoce, outros há que não sabem sequer gerir o seu espaço físico, cuidar da sua higiene, ou mesmo relacionar-se com os outros.

7. Resultados

De modo a efetuar a análise das questões, utilizou-se o Microsoft Excel para a avaliação de dados quantificados e obtidos através dos questionários.

Após recolha dos questionários, efetuou-se a sua verificação, validação e registo de informação neles constante procedendo depois ao tratamento de dados estatisticamente. Este procedimento, possibilitou elaborar gráficos elucidativos dos dados obtidos que se consideraram pertinentes para o estudo em questão.

QUESTÃO 1 - Ao longo das aulas nas diversas disciplinas utiliza diversas ferramentas que te apoiam na aprendizagem. Da lista que se segue indica as que mais gostas:

(Podes escolher no máximo três opções)

Livro Escolar <input type="checkbox"/>	Caderno de exercícios <input type="checkbox"/>	Internet <input type="checkbox"/>
Quadro preto <input type="checkbox"/>	Jogos Manipulativos <input type="checkbox"/>	Computadores <input type="checkbox"/>
Fotocópias <input type="checkbox"/>	Quadro interativo <input type="checkbox"/>	Moodle <input type="checkbox"/>

Relativamente às ferramentas que os alunos mais utilizaram sem dúvida que o Computador, Internet e Quadro Interativo foram os mais apreciados.

Nota: É de referir que o *Computador*, *Internet* e *Quadro Interativo* aparece em quase todas as opções dos alunos inquiridos. Dos resultados dos inquéritos pode-se concluir que existem benefícios para todos os intervenientes do processo ensino aprendizagem: é motivador e apelativo como recurso a utilizar pelos alunos, que vêem na aula um espaço de prazer e descoberta; o professor entra através das tecnologias no mundo das novas gerações, conduzindo-os, orientando-os, partindo com eles à descoberta, otimizando resultados.

Caracterização dos Inquiridos (N=224*3)

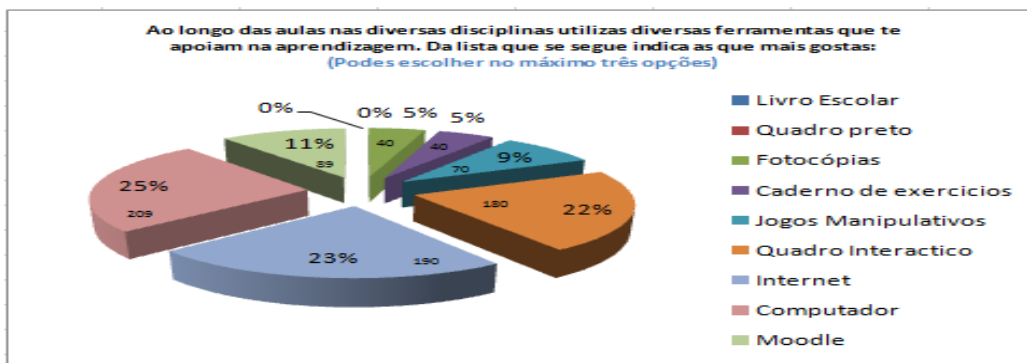


Gráfico 1 - Ferramentas de apoio na aprendizagem

8. Conclusão

Os resultados mostraram que o seu nível de motivação em sala de aula com a utilização das TIC é muito mais forte, tendo mais concentração, aprendendo mais e a relação de aluno professor muito mais próxima.

Neste capítulo procura-se fazer uma reflexão final sobre o percurso efetuado, estabelecendo uma análise dos prós e contras que presidiram à investigação realizada. Os vários dados recolhidos, observados e analisados permitiram estabelecer a ligação entre o enquadramento teórico e a investigação empírica. Nomeadamente, a criação de diferenciadas estratégias, contextualizadas e ligadas ao quotidiano, que se traduziram numa maior motivação dos alunos, tornando-os, conseqüentemente, mais autónomos e capazes.

No final do estudo, é altura de efetuar uma reflexão sobre a relação desta investigação, o trabalho realizado com os alunos, nossa evolução enquanto professoras e investigadoras e propor recomendações para futuros trabalhos.

Os alunos devem, sem qualquer dúvida, serem encorajados a realizar tarefas e a utilizarem ferramentas diversificadas que levem a novas experiências.

A utilização de um processo de ensino aprendizagem que tenha por base uma metodologia participativa, ativa e eficaz, leva os alunos a aprender a aprender e o professor a ensinar a pensar.

A gestão das aulas, também é diferente, bem como a avaliação, ao utilizar durante um espaço temporal prolongado atividades inovadoras e a avaliar essas atividades, existe uma outra visão da avaliação.

Ao finalizar este trabalho, continua-se a pensar que a metodologia utilizada foi uma escolha adequada, pois o que se passou nas aulas foi deveras complexo, envolvendo um número infindável de variáveis. Assim, e apesar dos resultados desta investigação não serem

generalizáveis, ela não deixa de ser um relato científico de uma experiência que ocorreu numa sala de aula em Portugal.

É nossa convicção que é também um incentivo para que todos os professores se lancem na utilização das TIC.

Deste modo, podemos concluir que as várias ferramentas principalmente o computador, Internet, Quadro Interativo deve ser analisadas, discutidas e estudadas de modo a elaborar projetos que possam melhorar a qualidade do ensino, tornando-o mais moderno e profícuo para os elementos essenciais – os alunos.

Convém também referir a relação existente entre o uso das TIC na sala de aula e a aprendizagem efetiva dos alunos é muito boa, assim como a relação professor-aluno também é muito boa.

Bibliografia

- ALCARÁ, A.R. e Guimarães, S.E.R. (2007). A Instrumentalidade como uma estratégia motivacional *Psicologia Escolar Educacional*, 11 (1), 177-178.
- AUBER, N. (1996). Compreender o mecanismo da motivação, in AUBERT, N. (Dir.); *Diriger et Motiver – secrets et pratiques*; Paris; . Les Éditions D’Organisation.
- BALANCHO, M. J., & Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica: conselhos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- GARRIDO, I. (1990). *Motivacion, emocion y accion educativa*. Em: Mayor, L. e Tortosa, F. (Eds.). *Ámbitos de aplicacion de la psicologia motivacional* (pp. 284-343). Bilbao: Desclee de Brower.
- HURLOCH, E. (1971). *Psicologia de la Adolescencia*. Buenos Aires: Paidós.
- MICHEL, S. (a/d b), *Motivação, satisfação e implicação* in N. AUBERT et al., *Management*, Porto, Rés.
- MURRAY, E.J. (1986). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.
- PFROMM, S.N. (1987). *Psicologia da aprendizagem e do ensino*. São Paulo: EPU.